

Apresentação

Homenagem ao Prof. Lísias Nogueira Negrão – In Memoriam

Leila Marrach Basto de Albuquerque¹

Agradeço à Revista Plura o convite para organizar esta homenagem ao Prof. Lísias Nogueira Negrão, falecido no dia 8 de setembro de 2015. Aliás, esta escolha é decorrente de homenagem realizada em novembro de 2015 no 2º Simpósio Regional Sudeste da ABHR, na PUC-SP, e reconheço que me sinto lisonjeada pela oportunidade de lembrar a importância deste pesquisador para a Sociologia da Religião. Sei que outras pessoas que conviveram mais próximas dele poderiam, com mais propriedade que eu, lembrar o professor. Mas os laços de amizade do Prof. Lísias comigo e com meu marido me autorizam a recordar aspectos da sua trajetória de professor, cientista e amigo. Sempre atencioso com as pessoas que o procuravam, era discreto e nunca se deixou consumir pela fogueira das vaidades que contamina o nosso meio. Certamente, com a sua morte, perdemos um dos mais respeitáveis pesquisadores das religiões de matriz africana de primeira hora.

Conheci Prof. Lísias na década de 1970 quando ele ainda fazia seu doutorado na USP, orientado pela Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz, e eu iniciava meu mestrado com a Profa. Beatriz Muniz de Souza, na PUC-SP. Naquela época, ocorriam inúmeros eventos e reuniões com sociólogos, antropólogos, teólogos e estudantes interessados no fenômeno religioso. Eram os tempos do ecumenismo religioso, da Teologia da Libertação e da ditadura civil-militar no Brasil. Esses encontros não tinham o porte dos congressos e simpósios que fazemos hoje, eram *petits comités*, mas certamente foram a semente do campo da Sociologia da Religião no Brasil. Uma dessas reuniões foi na USP, que recebeu, se não me engano, Prof. Henri Desroche para uma palestra e na ocasião foi criado, por iniciativa do Prof. Duglas Teixeira Monteiro e outros professores e pesquisadores interessados, o Centro de Estudos da Religião (CER) que deu origem, em 1977, à Revista Religião e Sociedade e a abrigou por um bom período. Estávamos lá, Eduardo, então namorado, e eu. Mas, ao longo do tempo fomos

¹ Socióloga, mestre e doutora em Sociologia pela PUC - SP, professora aposentada do Departamento de Educação Física da UNESP - Rio Claro e pesquisadora do Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP - São Paulo. E-mail: leilamarrach@uol.com.br

nos encontrando em outras ocasiões, nos diversos congressos das Ciências Sociais como os da ANPOCS, os das Jornadas sobre Alternativas Religiosas para a América Latina e em vários outros. Prof. Lísias esteve presente também, em 2008, no X Simpósio da ABHR realizado na UNESP, campus de Assis, quando proferiu a conferência de abertura intitulada “Pluralismo, trajetórias e multiplicidades no campo religioso brasileiro”.

Professor Lísias graduou-se em Ciências Sociais na USP em 1967 e obteve o título de doutor em Sociologia em 1973 com a tese “Um movimento messiânico urbano: messianismo e mudança social no Brasil”. Já em 1970 se tornou professor nesta Universidade, cumprindo todas as etapas da vida acadêmica e exercendo cargos administrativos, até a sua aposentadoria em 2008. Foi também professor convidado em duas universidades federais do nordeste: Alagoas e Rio Grande do Norte. Além de participar de muitas bancas, orientou muitas dissertações e teses e deixou muitos “filhos científicos”.

Professor Lísias fez parte de uma geração responsável pela consolidação do campo da Sociologia da Religião no Brasil, geração esta que produziu estudos que se tornaram clássicos pela rigorosa reflexão teórica e pela riqueza dos dados empíricos. Suas pesquisas sobre as religiões de matriz africana, especialmente a Umbanda, são referência obrigatória para os pesquisadores das religiões, e seus estudos sobre o fenômeno do messianismo, sobretudo hoje em tempos de multiplicação de movimentos sociais, podem servir de contraponto aos que proliferam no presente nos meios urbanos, mas sem o álibi da religião.

Porém, suas pesquisas não se limitavam a esses objetos. Prof. Lísias era sensível às mudanças no campo religioso e captava com originalidade as novas manifestações do sagrado emergentes desde os anos 90 entre nós. Seus estudos envolviam sempre observação e trabalho de campo cuidadosos e nunca se deixou seduzir pelo exótico. Esta disposição está presente nos livros, capítulos de livros e artigos que produziu ao longo da sua vida.

Enfim, Prof. Lísias soube compreender a alma das religiões de matriz africana. Uma passagem do seu artigo “A Umbanda como expressão de religiosidade popular”¹ desvela a pulsão que dá vida às divindades da Umbanda. Ele diz:

Neste sentido, ela [a Umbanda] é a celebração da história brasileira, não da história oficial com suas galerias de vultos representantes dos grupos dominantes, mas com seu panteão de

tipos sociais populares divinizados, expressões arquetípicas da condição de dominado, implicando tanto uma atitude de submissão (pretos velhos) como de contestação (exus).

Minhas poucas palavras certamente não esgotam a memória do Prof. Lísias entre nós e sempre restarão muitos outros aspectos da sua vida a serem lembrados, como os que nos oferecem os colegas, alunos e orientandos que compõem esta homenagem.

Professora Maria Helena Villas Bôas Concone resgata a longa convivência com Professor Lísias marcada por parcerias acadêmicas e laços de amizade tecidos pelo interesse comum pelas religiões afro-brasileiras. O seu texto é um relato saboroso de seu trabalho de pesquisa com Lísias, que envolve peripécias de viagem, coincidências na busca de informantes, surpresas na realização de entrevistas, a lide com documentos empoeirados, cronogramas apertados e, em meio a tudo isso, perdas irreparáveis. Como pesquisadora de primeira hora, suas lembranças trazem uma parte importante da história da Sociologia da Religião no Brasil no século XX e neste, que compartilhou com Lísias, como a criação do Centro de Estudos da Religião (CER) na USP pelo Professor Duglas Teixeira Monteiro, seus seminários, o GT Religião e Sociedade da ANPOCS, a Revista Religião e Sociedade, agora no ISER, e as muitas publicações resultantes que hoje são consideradas obras clássicas.

Professor Adone Agnolin, em depoimento tocante, traz com sensibilidade para esta homenagem, a dimensão artesanal da sua relação como orientando do professor Lísias. Este recorte, indubitavelmente, permite a entrada de ricas particularidades/historicidades nas rígidas generalizações da racionalidade científica a que devemos satisfação. Assim, destaca em suas lembranças, a discrição, a generosidade, a humildade, a atenção e a precisão de Lísias, atributos que tingem de carisma a figura do orientador e o tornam inspiração e guia para toda uma carreira acadêmica.

Professor Marcelo Ayres Camurça narra, de início, uma experiência que escapa das possibilidades de interpretação da ciência rotineira que fazemos: por volta do dia do passamento do Prof. Lísias, ele discutia com seus alunos de pós-graduação em Ciências da Religião e Ciências Sociais o texto deste professor “Sobre os deuses que nunca se foram: somos encantados ou desencantados?”. A partir deste fato insólito, Marcelo se debruça sobre a obra e a vida acadêmicas de

Lísias, chamando a atenção para sua exigente reflexão teórica e sua fecunda sensibilidade para com as nuances do comportamento religioso do brasileiro. Destaca também sua importante atuação no Centro de Estudos da Religião (CER) da USP, na Revista *Religião e Sociedade*, no GT Religião e Sociedade da ANPOCS e em congressos e seminários, que mostram a inestimável contribuição de Lísias para o campo da Sociologia da Religião no Brasil.

Professor Valdinei Aparecido Ferreira foi aluno e orientando do Prof. Lísias desde a graduação em Ciências Sociais, passando pela Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado em Sociologia da Religião. Desta longa e privilegiada convivência recorda o seu aprendizado como bolsista do Centro de Estudos da Religião (CER) da USP, onde estava incumbido de catalogar documentos deixados pelo saudoso professor Duglas Teixeira Monteiro, a inegável importância de Lísias na sua opção por Sociologia da Religião e os ricos debates nos encontros dos orientandos deste professor, sempre conduzidos com rigor intelectual. Tendo vindo já de uma formação em Teologia, Valdinei lembra sua convivência na pós-graduação com colegas religiosos ou que haviam sido religiosos e a convicção de Lísias de que não há problema em ser religioso e pesquisador de religião, desde que não se abra mão da integridade intelectual. Esta circunstância, certamente, é um desafio não só profissional, mas existencial, para todos nós que estudamos religiões, mesmo que não sejamos religiosos...

Professor Carlos Guilherme Cantor Magnani, colega do Professor Lísias no curso de Ciências Sociais da FFLCH da USP, reconhece a grande influência dos estudos deste pesquisador para as suas pesquisas e as de seus orientandos, bem como as parcerias em eventos acadêmicos e publicações que compartilharam. Desde os seus primeiros trabalhos sobre prática médica e religião até as suas investigações posteriores sobre o neo-esoterismo em São Paulo, os textos de Lísias foram, para si, importante referência científica.

Enfim, ao encerrar esta apresentação, fico com a impressão de que esses relatos de memória desenham um bonito mosaico que mostra a relevante contribuição do Professor Lísias Nogueira Negrão não só para a Sociologia da Religião, mas também para as Ciências Sociais brasileiras.

¹ *Religião e Sociedade*, n. 4, p. 172, 1979.